

## ATA DA DÉCIMA QUARTA REUNIÃO DO GRUPO TRAÇANDO

No dia 24 de agosto de 2022, às 19:30h, por meio do Zoom, reuniram-se, para o décimo quarto encontro do “Grupo Traçando” de escritores e leitores, iniciativa do *Tecendo o verbo*: Cristina Vergnano, Simone Mattos, Ana Paula Bellot, Marcelo Pimentel, Osvaldo Otero, Alexandre Almeida, Ale Ramos, Daniela Reis, Nívea Doria e Giselle Oliveira. Justificaram a ausência: Rita de Cássia Rodrigues Oliveira, Roseli Mathias, Jakeline Fenna e Geisa Figueiredo. **1. INÍCIO DOS TRABALHOS** – A reunião começou com a Cristina cumprimentando os presentes e lembrando dos aniversariantes do mês: Cristina, (3), Aline (4), Jakeline (27), Cristina Grilo (29) e Rita (30). Esclareceu, depois, que a atividade programada para agosto (análise de nossas produções, segundo a proposta da Giselle e as teorias apresentadas pela Cristina, nos encontros anteriores) foi transferida para setembro, devido ao convite para a participação de uma convidada neste mês. **2. ATIVIDADE:** Esta reunião foi especial, pois contamos com a presença de Anita Deak, a partir do convite feito pela Simone. Após votação sobre a consulta aos traçantes por WhatsApp, ficou decidido que anteciparíamos a reunião de agosto (do dia 31 para 24) e não faríamos um encontro extra para este evento. Cristina deu as boas-vindas à convidada, agradeceu sua presença e lhe passou a palavra. Ela disse que não sabia bem o que nós esperávamos, então, propôs abrir o espaço para perguntas, afirmando que gosta muito de tratar sobre o processo criativo literário. O primeiro a falar foi Osvaldo, questionando o valor dos exercícios de criação e da escrita de não profissionais. Anita disse que todo o texto tem valor como processo, exemplificando-o com a experiência de seus próprios livros. Também, ressaltou a importância do senso interno de valor do escritor. Simone comentou que leu “No fundo do oceano” e “Mate-me quando puder”, percebeu dois tipos de narrador distintos e argumentou que pareciam ter sido livros escritos por dois autores diferentes. Anita concordou, estabelecendo diferenças entre ambas as obras. Continuando a conversa, destacou que o autor precisa estar disposto a mexer no seu texto e, para entender o que precisa ser mudado, necessita estudar, aprofundar seus conhecimentos sobre literatura. Falou sobre composição de personagem e uso da psicanálise nessa tarefa. Ana Paula perguntou quando a autora olha para o livro e conclui de que está pronto. Ela respondeu que é quando volta a uma frase e percebe que a forma que tem está melhor do que a nova mudança que está propondo. Sente que vai estragar o livro se continuar, ou seja, modificar não vai torná-lo melhor. Falando de publicações e público, opinou que uma obra não existe só quando é publicada, pode haver compartilhamento prévio do processo de criação, o que ajuda a formar público leitor e é bem legal. O *marketing* tem de estar integrado ao desejo e disponibilidade do autor, o qual precisa dar alguma coisa ao outro. Ale perguntou sobre a dificuldade de dar andamento, de concluir um texto. Para Anita, ouvir e ver coisas diferentes, envolver-se de imagens diferentes, ajuda a criar. Também tem a ver com a forma como olhamos para as coisas, como uma poça da chuva, uma planta etc. Simone quis saber como a autora lida com os leitores beta que não a compreendem? Ela, então, diferenciou as leituras crítica e beta. Depois disse que costuma mandar para 30 leitores beta e não fica chateada com as devolutivas, embora nem sempre faça alterações em função delas. Mas, quando muitos demonstram não entender o que ela tinha pensado sobre uma cena, ela percebe que, talvez, haja um problema no trecho e que valha a pena alterar. Marcelo perguntou se o ideal é ter só uma leitura crítica, com um profissional com quem se crie uma parceria, ou mais de uma, com olhares diversos. Se vários não seria algo antiético. Anita crê não ser antiético ter mais de uma, nem acha necessário dizer que se está pedindo mais de uma leitura crítica, embora, em geral, só se use uma, até pelo seu custo. Em todo o caso, não cabe dizer quem foi o outro leitor crítico, a fim de deixar o leitor livre para, inclusive, opinar sobre a outra crítica feita. Alerta que vários leitores críticos também podem atrapalhar, levando o autor a criar um Frankenstein com misturas de sugestões. Respondendo à Ale a respeito da questão de usar o conto como aprendizado para escrever romances, a autora opina que o conto serve para exercitar a construção de personagem numa estrutura mais concisa, sem entregar o que

ele é ou sente. No entanto, não concorda que escrever contos vá ajudar o autor a ter fôlego, abordagem certa e equilibrada para obra longas. Vê o conto como complicado porque é preciso resolver algo numa estrutura menor. Anita se considera romancista, não contista, apesar de ter contos, pois gosta de se relacionar longamente com a história. Ao finalizar sua fala, ressalta que, para ela, escritor não é quem publica, mas quem escreve e gosta do processo. Deixou para o grupo, no *chat*, seu podcast e e-mail: respectivamente, **Litterae** e [anitamdeak@gmail.com](mailto:anitamdeak@gmail.com) .

**3. DATA DO PRÓXIMO ENCONTRO** – O próximo encontro será em 29 de setembro, quinta-feira.

**4. ATIVIDADE DO PRÓXIMO ENCONTRO** – Apesar de havermos proposto realizar leitura literária no mês de setembro, devido à atividade extra de Anita Deak, definimos dar continuidade às propostas de Giselle e Cristina, com análise crítica de nossos textos com temática de água.

**5. ASSUNTOS GERAIS E AVISOS** – Cristina deu a notícia sobre a tradução dos capítulos de *Fogo ardente*, na Netflix, pela Nívea. Sem mais a tratar, encerramos a reunião às 21:48h. Esta ata foi redigida por mim, Cristina Vergnano, e segue para aprovação dos presentes. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Anexos à ata:

A. Imagens dos participantes presentes:

